RELAÇÃO ENTRE HUMANOS E OS PEIXE-GENTE: ENCANTADOS NO RIO UAUPÉS[1]

OSMAR CORDEIRO DA SILVA[2]
UFRGS, BRASIL
https://orcid.org/0009-0005-0471-5569

MAGALI MENDES DE MENEZES[3]
UFRGS, BRASIL
https://orcid.org/0000-0001-6325-9595

RESUMO: *Abordaremos neste artigo a relação existente entre seres humanos e espíritos da natureza. O trabalho de pesquisa desenvolvido contou com colaborações e testemunhos de dois grandes detentores de sabedorias ancestrais, especialistas, pensadores, curadores e benzedores como Tariano Jovino B. e Tukano Pedro (meu pai), que são kumus e mestres da oralidade do Rio Uaupés. O objetivo foi compreender e refletir sobre a relação de convívio dos povos indígenas com waí mahsã e de respeito das comunidades com Ditá-Nuhkê e os wami tisé ao longo dos espaços-tempos. Para isso contou-se com a metodologia colaborativa, ressignificada nos fundamentos da reciprocidade e da complementaridade, tendo como base no cosmo Ye'pá Mahsã, mas principalmente pelo uso do método da oralidade Tukano articulado com diferentes fontes com weresé (dom da fala), tiosé (dom da escuta) e weesé (dom da prática), bem como a roda de conversa, a partir das narrativas realizadas com os sábios Tariano e Tukano, e com testemunho vivenciado na minha infância.*

PALAVRAS-CHAVE: *waí mahsã, sabedorias ancestrais, oralidade.*

ABSTRACT: *In this article we will discuss the relationship between human beings and nature spirits. The research work carried out included collaborations and testimonies from two great holders of ancestral wisdom, specialists, thinkers, healers and healers such as Tariano Jovino B. and Tukano Pedro (my father), who are kumus and masters of orality from the Uaupés River. The objective was to understand and reflect on the relationship between indigenous peoples and waí mahsã and the communities' respect for Ditá-Nuhkê and wami tisé throughout space-time. To achieve this, a collaborative methodology was used, given new meaning on the foundations of reciprocity and complementarity, based on the Ye'pá Mahsã cosmos, but mainly through the use of the Tukano orality method, articulating with different sources with weresé (gift of speech), tiosé (gift of listening) and weesé (gift of practice), as well as the conversation circle, based on narratives carried out with wise men Tariano and Tukano, but with testimony experienced in my childhood.*

KEYWORD: *waí mahsã, ancestral wisdom, orality*

---

[1] WA'Í MAHSÃ ME'RA MAHSÃ DERÓ NISETIRÓ: WAÍ MAHSÃ UAUPÉS DIÁ NINÁ.

[2] Doutorando (pertencente ao povo Tukano) em educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil. Bolsista CAPES. E-mail: silvayupuri@gmail.com

[3] Doutora em Filosofia, pesquisadora e orientadora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: magaliufrgs@gmail.com

Introdução

Neste artigo[4], abordo a ordenação e as atenções dadas com o espaço *Ditá-Nɨkî*[5], a partir dos saberes orais dos ancestrais Tukano que mantiveram e mantêm a harmonia e o bem viver entre os seres vivos e os encantados chamados de *Wa'í Mahsã*[6] aos longos dos tempos/espaços. O testemunho dado pelo Tariano (Jovino B.) e meu pai Tukano (Pedro), ambos realizados em momentos distintos, contém palavras específicas que serão escritas na língua Tukano. O senhor Jovino B. é natural da comunidade de Santa Rosa, pertencente ao Distrito de Yauaretê do Alto Rio Uaupés, e o meu pai Pedro é natural do Distrito de Taracuá do Baixo Rio Uaupés, na fronteira do Brasil com Colômbia, no município de São Gabriel da Cachoeira, do Estado do Amazonas, na Terra Indígena do Alto Rio Negro. O trabalho tem como o objetivo ajudar na compreensão e na reflexão da relação de convívio milenar dos povos indígenas com os *wa'í mahsã*, as experiências de convivência e de respeito nas comunidades com *Ditá-Nuhkê* e com os *wami tisé*[7].

O estudo apoiou-se na metodologia colaborativa, ressignificada nos fundamentos da reciprocidade e da complementaridade, tendo como base na cosmologia *Ye'pá Mahsã*, bem como pelo uso do método da oralidade Tukano articulado com diferentes saberes proporcionado pelo *uku'duhisé* (roda de conversa) tendo como a base os fundamentos do *weresé* (dom da fala), *tiosé* (dom da escuta) e *weesé* (dom da prática), a partir das narrativas testemunhadas pelos *kumus*[8] Tariano e Tukano. Nesse contexto faço uma reflexão a partir da Linda Tuhiwai Smith (2018), quando ela afirma, no seu livro "Descolonizando Metodologias: pesquisa e povos indígenas", a necessidade de produzir conhecimentos e metodologias próprias nas pesquisas realizadas. Os indígenas, desse modo, passam de objetos de pesquisa, a pesquisadores. Esta reflexão também ecoa entre pesquisadores indígenas brasileiros, os quais se somam à autora quando ela diz: "queremos contar a nossa própria história, escrever as nossas próprias versões, a nossa maneira, para os nossos próprios fins" (SMITH, 2018, p. 42).

---

[4] Como compartilhar e escrever desde as vivências de uma única pessoa? Escrever "eu" ou "nós"? Este artigo reflete o esforço de diálogo e vivência de um indígena e um não indigena, em um trabalho de aconselhamento durante os estudos de doutorado. O aconselhamento (expressão cunhada por Bruno Ferreira Kaingang) é um processo tecido de confiança para que mundos possam ser compartilhados. A autoria de quem vive a experiência própria do mundo Tukano e a busca de tradução de um universo complexo para a escrita (sempre formatada a partir da academia) acompanharam todo tempo a oralidade da escrita. A primeira pessoa se mantém, mas ela não é solitária e é desse modo, que poderíamos ainda chamar outros sujeitos/autores neste diálogo: a comunidade de humanos e não humanos. O texto, portanto, é escrito por mãos visiveis e invisiveis colocando em questão que a tão propagada autoria, que nunca é de uma pessoa só, mas de um universo, difícil compreensão para uma sociedade tão, profundamente, individualista.

[5] Ditá (Terra) - Nɨkî (Floresta) ou Terra-Floresta

[6] Wa'í (peixe) Mahsã (gente) ou wa'í mahsã que significa peixe-gente ou encantados.

[7] Chamados de lugares sagrados.

[8] Chamado de benzedor, curador, pensador, protetor.

Ao decorrer do *kihti werese*[9] e *ukuse*[10] do Tariano Jovino, ficou evidenciada a comunicação por meio da oralidade sobre *wa'í mahsã*, em que eu apenas ouvia os relatos sem interrompê-lo em um ambiente rodeado de florestas e o corpo em constante movimento gesticulativo. Escutar as transmissões orais tem outro sentido de compreensão na língua Tukano ou Tariano, porém é desafiante a tradução da língua Tukano para Português, bem como realizar uma tradução para uma linguagem acadêmica.

O *ukuse* ocorreu na língua Tukano, uma vez que os testemunhos aprenderam outras línguas, o Tariano Jovino B. fala quatro línguas: Tariano, Tukano, Castelhano e Português; o meu pai, Pedro Tukano, fala três línguas: Tukano, Nheengatu e Português, pois na linha de fronteira é comum os parentes falarem essas línguas que predominam na região, pois não existe limite de fronteiras entre os povos indígenas. Na concepção do meu pai, aprender outras línguas é fundamental para apoderar sabedorias de outros povos, mas de preferência ficar calado para que o segredo não seja descoberto. Por esses motivos, entre outros, os parentes Tukano, Desano, Tariano, Kubeo, Arapaço, Piratapuya e Tuyuka têm dupla nacionalidade e recebem atendimento social e de saúde nos dois países, bem como participação nas decisões políticas brasileira e colombiana.

O Tariano e o Tukano classificam os *wa'í mahsã* em várias categorias como*: wa'í mahsã, ahkó mahsã*[11]*, yuhkê mahsã*[12]*, waíkehná mahsã*[13]*, winó mahsã*[14]*, buhpó mahsã*[15]*. ʉhtá mahsã*[16]*, omé mahsã*[17]*e nɨkɨri mahsã*[18]*.* Os ditos *yuhkɨ mahsã* são seres visíveis como animais terrestres: onças, pássaros, insetos, etc. e animais das árvores como macacos, pássaros, insetos, etc. Os *nɨkɨri mahsã* são os seres invisíveis, chamados também de espíritos da natureza, mas em algumas situações podendo se apresentar com aparência de seres e ter contato com os indígenas, podem causar doenças corporal, mental e até mesmo raptá-los para outro mundo. Todos são seres vivos: andam, vivem e moram na floresta, servindo de alimentos para humanos ou vice-versa, para se deslocar na floresta ou se alimentar desses animais precisa de *bahsese*[19] e o devido resguardo.

Os povos indígenas, como Tukano e Tariano, têm relação de convívio intensa e de respeito com a mãe natureza assim como com todos que nela convivem: *os wa'í mahsã*, que será o tema a ser abordado a seguir.

---

[9] "Narrativa Contada".
[10] Significa "Arte do Diálogo" ou Diálogo.
[11] Ahkó (água) Mahsã (gente) ou ahkó mahsã-gente água.
[12] Yuhkê (árvore) Mahsã (gente) ou yuhkê mahsã-gente árvore.
[13] Waikêna (animal) Mahsã (gente) ou waikên mahsã-gente animal.
[14] Winó (vento) Mahsã (gente) ou winó mahsã-gente vento.
[15] Buhpó (trovão) Mahsã ou buhpó mahsã-gente trovão.
[16] ʉhtá (pedra) mahsã ou ʉhtá mahsã – gente pedra.
[17] Omé (ar) mahsã ou omé mahsã – gente ar.
[18] Nɨkɨri (floresta) mahsã ou gentes florestas.
[19] É um conjunto de palavras com força de destruição e de poder de comunicação com outros espíritos da natureza.

Wa'í Mahsã / Peixe-Gente ou Gente peixe

Para os Tukano os w*a'í mahsã* são denominados de encantados como entidade sobrenatural e são considerados como espírito da natureza. Eles são os seres que vivem e protegem os lugares sagrados (os ambientes/espaço) e com quem os seres humanos mantêm constante relação, pois deles depende a harmonia e o bem viver. Muitos chamam de *wa'í mahsã* como *wiorã*[20], que observam, vigiam e cuidam de suas casas, seus vegetais e animais que moram e vivem no espaço da *Ditá-Nɨkɨ.*

Muitos pesquisadores como os missionários, antropólogos e naturalistas que estiveram presentes no Rio Uaupés, durante o período da colonização, registraram, transcreveram e publicaram diversos livros, cartilhas, relatórios, diários, conforme seus entendimentos, ou seja, de acordo como eles conseguiam interpretar e traduzir. Sendo assim, as suas publicações foram importantes para os povos indígenas da região do Rio Uaupés e, através de suas obras, rememoramos os fatos históricos importantes do passado dos nossos ancestrais, mesmo que tenham informações contundentes.

As filosofias e as ciências indígenas, como dos Tukano, chamam os encantados de *wa'í mahsã*, como forma da compreensão do universo dinâmico, plural e a complexa interrelação com outros seres vivos e a natureza, ou seja, com o universo sobrenatural. Os povos indígenas do Rio Uaupés construíram ao longo de suas resistências e vivências diversas formas de se relacionar com mundo natural, tendo em vista que são parte integrante como outros seres vivos. Para nós, Tukano, de acordo com nossas ancestralidades, a relação existente entre os espíritos ou encantados com os seres humanos e as suas crenças existentes dependerá do saber de cada povo indígena. Somos sabedores em nossas comunidades e nas convivências, desde crianças, sabemos da existências dos espíritos da natureza e que eles estão entre nós e convivem nesse mundo paralelo, muitos protegem e outros estão para desafiar, atacar, podendo levá-los consigo para outro universo. O Barreto (2022), prefere a definição de *wa'í mahsã* com "Encanto",

> Nós, seres humanos, temos medo deles, assim como eles em certo momento também têm medo de nós, humanos. Uma coisa que nós, humanos, percebemos como algo normal, para os Encantos é anormal, enquanto o que é normal para os encantos é anormal para nós, humanos. Então não há nada parecido, não há nada idêntico, não há proximidade entre nós, humanos, e eles, Encantos. (BARRETO, 2022, p.261).

Todos que existem ou que pertencem e que convivem na natureza são seres vivos, entre eles os *wa'í mahsã*, todos têm vida/espírito como as

[20] Donos de lugares ou chefes.

árvores, os rios, as nascentes, a terra, o ar, as pedras, os peixes e animais. Por esse motivo, tem que haver o respeito, a comunicação com todos, pedir licença ou permissão ao entrar na mata, para realizar pescaria e caça, derrubada de roça, confecção de armadilhas de caça e pesca, extração de plantas medicinais, coletas de frutas nativas, construção e nas confecções de utensílios domésticos.

Os *wa'í mahsã* são os legítimos donos, e tem que haver a comunicação com o mundo real (seres visíveis) e sobrenatural (seres invisíveis). Na maioria das vezes, a comunicação se realiza durante a transe que são estabelecidos pelos três especialistas *kumu, yai*[21] *e baya*[22], eles intermediam e vão proteger contra os ataques e as doenças, caso contrário o *wa'í mahsã* podem fazer mal e perseguir, uma vez que nós humanos também estamos fazendo mal a eles. Esse desequilíbrio pode levar ao conflito, a doenças e, como última consequência, à morte. O medo existe entre os povos indígenas e os *wa'í mahsã*, não há nada idêntico e nós Tukano entendemos que eles são um perigo para nós e nós para eles.

Waí Mahsã Mahsané Pa'asé: Agressão do Peixe-Gente aos humanos

Nós, Tukano, e demais povos do Rio Uaupés entendemos que convivemos e ocupamos o espaço da natureza, segundo a cosmologia indígena, com outros seres que também habitam no *Ditá-Nɨkɨ*. Isso nos leva a entender que todos os lugares são habitados por eles (*wa´í mahsã*) e os Tukano adotam regras de comportamentos para viver de maneira equilibrada e de respeito. Os meus avôs (Firmino-Tukano, Mario-Tukano, Filindro-Arapaso e Marcelino-Arapaso), e os meus tios sempre diziam que devemos ter uma relação boa de convivências nos lugares onde se anda, seja no *diá*[23]*, ditá e no nɨkî*. O meu pai, Pedro-Tukano, quando criança (dos 09 aos 17 anos) e durante a pescaria, onde o processo de aprendizagem se inicia, sempre orientava e mostrava os lugares onde não se podia fazer barulho para não perturbar os seres que ali habitam e, até hoje, ele faz seu testemunho relatando assim:

> Meu filho, em alguns lugares não se pode gritar, brincar, jogar galhos ou mexer demasiadamente a água e fazer barulho. Peça sempre permissão onde você vai pescar e diga a eles que vai pescar somente para sua sobrevivência. Pegue a água do rio e jogue três vezes na direção onde você vai passar e realizar a sua pescaria. Isso também serve para caça e coleta de frutas na floresta, sempre deixe algumas frutas para outros seres que ali vivem também, não retire todas do chão compartilhe com eles e agradeça, porque os

[21] Chamado de "onça" – especialista em rituais: de jogar água no corpo e de sucção, xamanismo, sonho e transe.
[22] Chamado de "mestre de dança" – especialista em danças, música, cerimônias e artista.
[23] Significa "rio".

> *wa'í mahsã* vão estar presente e observando. (PEDRO, 25/01/2024).

Para os Tukano o processo de transmissão de conhecimentos orais passa, respeitosamente, pela posição hierárquica: avô – pai – filho – neto, ou seja, de pai para filho. O testemunho dado pelo meu pai ocorreu nesse contexto, foram e são fundamentais, até hoje, para a convivência dentro da comunidade e com a natureza. Contudo, é necessário compreender que no momento da caça, pesca e da colheita de fruta nativas, nós Tukano e outros povos, invadimos as suas moradias e seus quintais, e os *wa'í mahsã* não vão gostar dessa situação. Segundo Barreto (2021),

> Os waí mahsã atacam a pessoa usando qualquer tipo de instrumento ao seu alcance. Um deles é a própria água, com a qual desfere seu ataque no momento do banho no rio. Aqui, ressalto que o ataque dos waí mahsã só ocorre nos ambientes de fora de casa. No caso, banheiro de casa, os waí mahsã não atacam, devido que esses seres não estão presentes. (BARRETO, 2021, p. 163).

Os Tukano têm explicações sobre a ausência dos *wa'í mahsã* nos banheiros dos *wi'i sêrií*[24], normalmente, nas comunidades indígenas não existem banheiros e, sim, o contato direto com água do rio e com a floresta, daí o perigo, mas temos pequenos reservatórios de água colocados nas panelas ou em pequenos reservatórios de cerâmicas para uso doméstico. Na nossa concepção, água parada é água sem vida, onde não há vida não há presença dos *wa'í mahsã,* por esses motivos que não há perigo no uso de banheiro na casa, onde a água está armazenada na caixa da água e isso serve também para os hospitais, mas sempre é bom prevenir com *bahsese* dos especialistas *kumus*, y*ai e baya* para proteção corporal. Os Tukano explicam o *bahsese* como conjunto de princípios ou elementos de comunicação com os encantados, que somente pode ocorrer entre os especialistas através do *keensé* (sonho).

Segundo o testemunho dado pelo *kumu* e *yai* Tariano Jovino B. (02/12/2023), os *waí mahsã* tem capacidade de deferir todo tipo de ataque ou vingança sobre os indígenas que moram no Rio Uaupés ou seres humanos que ali viajam. Eles têm capacidade de utilizar qualquer componente que esteja ao seu acesso e podem utilizar os elementos da natureza, que pode ser o vento (*winó*), a chuva (*ahkôro*), raio (*buhpó*), seres da terra e da água (os peixes, cobras, ondas, água preta, cristalina e barrenta), ou elementos da floresta (folhas, galhos, cipós, raízes das árvores e todos os seres que ali existem), isto é, os elementos químicos e físicos da natureza.

O testemunho proferido pelo Tariano Jovino B. chamou minha atenção por ser um relato feito com força e veracidade. Com muito diálogo e respeito, perguntei a ele se haveria possibilidade de transcrever o seu

[24] Significa no plural "casas". Wi'í – casa (singular).

testemunho. Com muita desconfiança e resistência concordou em parte. O seu testemunho tratava-se de ataque de *waí mahsã* acontecido no Baixo Rio Uaupés que envolveu um dos seus irmãos. O Tariano é dos grandes conhecedores dos saberes tradicionais e da cosmologia, especialista e mediador na relação com os *waí mahsã* e assim ele diz:

> Certo dia, meu irmão veio de Yauareté para a cidade de São Gabriel da Cachoeira e, ao retornar, realizaram viagem durante a noite, com motor rabeta 4.5 HP, tendo na canoa várias pessoas, mesmo assim não notaram o sumiço do meu irmão durante a noite. Esse acontecimento ocorreu nas imediações da comunidade de Trovão próxima a uma ilha, considerada encantada pelos moradores. A notícia chegou em Yauareté e descemos com urgência com a filha do meu irmão, seu esposo e familiares para fazer buscas na redondeza e não conseguindo encontrar o corpo, buscamos outras alternativas. No primeiro momento nós achamos que alguém havia matado e não queriam contar a verdade e através dos diálogos com outros parentes tivemos informação da existência dos *Yaiwá mahsã*[25]. A par da informação, seguimos viagem para Colômbia e chegando lá um guia conduziu até um determinado igarapé e ele nos alertou que não era para ter medo. Durante o percurso, algumas onças grandes e os filhotes nos acompanharam no igarapé e depois seguimos até o local que ficava na serra e ao chegar no topo encontramos um lugar limpo, sem nenhuma folha no chão. Do nada apareceram diversas pessoas, velhos, jovens e crianças, da forma como vieram ao mundo, um senhor aproximou e perguntou o que eu procurava, sem perder tempo perguntei se alguém havia matado meu irmão, o velho sorriu e disse a filha do desaparecido: "P*are de chorar que seu pai está vivo, mas está no outro mundo de carne e osso e tem outra família"*. O velho disse que o meu irmão foi laçado com uma corda por *waí mahsã*, uma mulher havia lançado no seu pescoço e puxado para baixo do rio. O velho me perguntou se eu gostaria de ser um deles e que todos seus conhecimentos e sabedoria seria para fazer o bem e assim retornamos para São Gabriel e depois para Yauareté. Como eu tinha o dom de mediar a relação com os *waí mahsã,* durante o transe do sono resolvemos retornar para comunidade de Trovão para tirar prova como *Yaiwá mahsã* havia dito e pernoitamos próximo uma praia com minha esposa. Durante o sono vi meu irmão pescando na praia e fui conversar com ele, quando me viu usou roupa de peixe e foi embora, fui atrás dele e quando mergulhei no rio vi uma grande cidade embaixo do rio e fui perguntando até chegar na casa dele

[25] Chamados de Gente-Onça ou Gente da Natureza.

> quando bati na porta apareceu um mulher branca e loira e perguntei se morava ali um senhor com tal nome, ela disse que sim e chamou meu irmão. Abracei meu irmão e ele apresentou seus filhos e ao observar no cabide verifiquei várias roupas de peixes com escamas. Quando eles saiam para caçar usavam essas roupas e pediam que retornassem para o mundo real e que era muito perigoso ficar por lá. Quando acordei falei com minha esposa e seguimos viagem para São Gabriel. (JOVINO B. 02/12/2024).

O testemunho do Tariano reforça a existência de outros seres que convivem junto com os indígenas ou seres humanos no Rio Uaupés e nos outros lugares. Nessa região existem muitos *wamé tisé*[26] ou encantados onde vivem os *waí mahsã* e nesses rios as mulheres não podem viajar sem o devido resguardo e proteção através do *bahsese* do *kumu*, principalmente, quando estiverem com *amosé*[27], porque os *wa'í mahsã* utilizaram todos os elementos disponíveis da natureza para realizarem ataque e levar as mulheres, se possível, com eles.

A presença dos *Yaiwá Mahsã* intimidou o Tariano naquele local, parecia que o seu *héripona* (coração) estava preste a sair do seu corpo, pois não é comum alguém ter contato com esses seres da natureza, como ele afirma:

> Estou contando essa história real, mas eles estão vendo e ouvindo nossa conversa, não existe distância para eles, o mundo é a casa deles. Temos que respeitar a natureza, tudo que existe na natureza são seres vivos: plantas, animais, pássaros, rio, ar e terra, ou seja, são pessoas, gentes como nós. Eles são grandes conhecedores e possuem muitos conhecimentos que precisamos aprender com eles (Tariano Jovini B, 2023).

Segundo ele, os *Yaiwá mahsã* são muitos velozes e rápidos no serviço, o Tariano aprendeu muito com o velho *Yai.* Recebeu orientação e conhecimento para fazer bem às pessoas, mostraram como era o mundo e deram a ele uma pequena folha de cigarro para fumar, segundo ele, o mundo real fechou e abriu outro portal, outro cosmo, como se fosse um sonho. Relata a perda do sentido naquele momento, ao retornar o sentido e consciência o velho *Yai* perguntou se queria algo naquele momento e deu a ele duas opções de escolha: *ɨmɨkóho*[28] *ou yamí*[29]. O Tariano escolheu *yamí* para seu trabalho, nesses horários noturnos que ele recebeu a sabedoria de benzimento*,* onde a natureza faria parte de sua vida, todos

[26] Lugares sagrados onde habitam waí mahsã ou encantados.
[27] "Menstruação" – caracterizado pelo sangramento na qual marca o processo de amadurecimento das moças ou jovens Tukana.
[28] Significa dia.
[29] Significa noite.

que procurarem do seu serviço deveria ser dito a verdade, sem realizar cobranças em espécie, cabendo o reconhecimento por parte do paciente.

Assim, retornaram para comunidade para ver e acreditar nos relatos recebidos do velho *Yaiwá* e, ao decorrer do seu testemunho, traz muitas reflexões para os pesquisadores indígenas e para o mundo acadêmico ao afirmar,

> Os brancos, pesquisadores e cientistas não acreditam nessas coisas, porque não vivem na floresta como nós, para eles é uma lenda, história, mito e dizem que são imaginários dos indígenas. Deveriam acreditar nessa existência, essas pessoas são gente como nós e por isso que são chamados de *Yaiwá Mahsã*, vivem no mundo visível e invisível para eles não tem distância e podem estar em qualquer lugar, agora estão ouvindo nossas conversas, eles têm poder (JOVINO B. 02/12/2023).

Quando realiza reza ou benzimento não cobra dos seus pacientes, como foi orientado pelo velho *Yai*. Segundo ele, quando é cobrado não tem poder de cura e todos cigarros são preparados por ele, sendo proibido receber de outras pessoas. Nas comunidades da região do Rio Uaupés, é notória essa prática de não pegar cigarro de outras pessoas, principalmente, dos *kumu e yai*, pois através do cigarro podem realizar maldades, introduzir doenças e apoderar os conhecimentos e saberes de outras pessoas que os Tukano chamam de *dohoasé*[30]*.* Sendo assim, é umas das formas de proteção aos seus familiares, a comunidade de certas vinganças e maldades dos intrusos ou pessoas desconhecidas, não bem-vindas naquela comunidade.

O *boraró*[31] pode ser considerado um dos seres invisíveis (*wa'í mahsã*) que tem poder de aparecer em diversas formas, humanos ou animais. No mundo da escrita e dos *pehkasã*[32], aparece como lenda, um personagem folclórico com características de pés alongados e curvados para trás, coberto de pêlo e com som parecido com disparo de espingarda e tremor na terra.

O Tariano relata que já deparou com *boraró* na floresta, que muitos não acreditam na sua existência, mas está na natureza no seu lugar e morada, por isso a importância de tomar coisa quente e sempre seguir orientações dos *kumus*, bem como alguns cuidados quando adentrar na floresta para caçar, pescar e para outra atividade que são realizadas nas comunidades.

Na primeira vez que se deparou com essa criatura, *boraró*, quase desmaiou pelo fedor forte desse *wa'í mahsí*, que sempre anda acompanhado de outros seres como carapanãs, mutucas, moscas, pium, pássaros, cobras,

[30] Benzimentos maléficos contra a saúde das pessoas.
[31] Os Tukano chamam de Curupira, considerado como o protetor da floresta.
[32] Chamados de brancos ou não indígenas.

etc. Mas o antídoto contra ele é o *cicantá ou breu*[33], que é resina de árvore, que precisa ser defumado pelo *kumu* às pressas para evitar o pior. Essas sabedorias indígenas são fundamentais para prevenção contra os espíritos da natureza, quem anda na floresta e no rio tem que estar prevenido com esses materiais, pois eles são muito imprevisíveis.

O Tariano desafia os pesquisadores, cientistas e os *pehkasã*, pois eles não acreditam na existência do *boraró*, cobra grande e demais *waí mahsã*, que tem intenção de levar nos locais que ele conhece, segundo ele tem que ser pessoas corajosas, com espírito e mente forte. Para ele, o *boraró* é o verdadeiro protetor e guardião da floresta juntamente com nós indígenas, além disso, ele é chefe dos animais de caça.

O *saropaʉ*[34] é outro tipo de *wa'í mahsã* de estatura pequena, mais ou menos de 45 a 50 centímetros de altura, e de cabelos longos, conhecido na região do Rio Uaupés pelas suas batidas nos troncos de árvore que são ouvidas a distâncias na floresta, com um som estarrecedor. Antes de qualquer atividade de caça, pesca, coleta de frutas e derrubada de roçados, os *kumus* realizam *bahsese* defumando com tabaco ou cigarro, protegendo contra os *wa'í mahsã* e somente depois os Tukano vão seguir para suas atividades do cotidiano.

Um fato curioso aconteceu em 1985, na redondeza da minha comunidade Coró-coró, no Baixo Tiquié. Até hoje são lugares pouco habitáveis, bem distantes das cidades e de outras comunidades, as florestas quase são intocáveis ou pouco acessíveis pela população indígena e muito menos explorada pelos *pehkasã*, por isso o uso e o conhecimento de *bahsese* é necessário nesses lugares pouco explorados, além do respeito. Sempre é bom lembrar que estamos tratando de conhecimentos e sabedorias indígenas que ficam no coração da Amazônia, pulmão do mundo, onde muito pouco foram exploradas.

Certo dia fui para pescar e caçar com meu pai e meu tio, no Rio Ira lugar distante da comunidade e pernoitamos em uma pequena barraca improvisada para prevenir contra chuva. Com a chegada do temporal na madrugada, com peixe e caças na canoa, decidimos retornar para barraca, meu pai armou a rede e fez fogo para aquecer do frio esperando a chuva passar. Durante o dia, ouvíamos o barulho da batida do *saropaʉ* à distância, mas nunca imaginamos que iríamos deparar com essa criatura. Meu tio calculou, observando pela lua e as estrelas, que era mais ou menos quatro horas da manhã, eu já havia dormido e meu pai me chutou na rede para mostrar uma pequena criatura de cabelos longos, sentado perto do fogo, aquecendo e protegendo da chuva, ele havia caçado peixe e estava querendo assar peixe no fogo. O cheiro dessa criatura era muito forte e ele demorou mais de meia hora. Meu coração acelerou vendo essa pequena criatura, não fez nada contra nós e também nós a deixamos em paz. O meu pai disse, pela

[33] Cicantá e Breu – resina de árvore utilizada para defumação contra os espíritos da natureza. Cicantá também é utilizado para iluminar (lamparina) a casa e o Breu serve para calafetagem de canoa ou de embarcações para conter água.

[34] Conhecido como batedor de tronco da árvore.

manhã, que o cigarro havia nos salvado contra o *saropaʉ,* pois ele havia defumado naquele local durante o dia protegendo contra o perigo para que nada de mal acontecesse, e hoje acredito que existem seres que ainda não conhecemos, não descobertos pelo mundo científico, mas que eles vivem no mundo da natureza e na vida do povo indígena.

Dahseô Numiô Amosé / Menstruação da mulher Tukana

Na Região do Rio Uaupés, quando uma mulher ou membro da comunidade fica com *amosé* é sinal que a mulher ou a jovem já pode casar, estando pronta para gerar filhos. O meu avô sempre dizia: "Ela já está pronta". Porém, é o momento mais perigoso e delicado na vida de uma *Numiô* (mulher) *Dahseô* (Tukana) e de outros povos, pois todo cuidado deve ser tomado para garantir a honra da mulher e também contra os possíveis ataques dos *wa'í mahsã,* não somente a mulher, mas também aos familiares e às pessoas próximas a ela.

Sendo restrito a mulher comer determinados alimentos, principalmente, peixes lisos e carne de caça neste período de *amosé* sem ser benzido, pois é preciso que o *kumu* faça defumação com cigarro para matar todos os elementos ou parasitas que estão na pele do animal, peixe ou frutas, bem como proteger o corpo contra ataques dos espíritos da natureza. Cabe a *parkó*[35]*,* juntamente com *yẽkó*[36], aconselhar as jovens, mulheres casadas e familiares que esse ciclo se torna um grande risco de suas vidas e todo um cuidado e o resguardo deve ser respeitado para garantir a honra. As orientações e possíveis resguardos vão desde as limitações das atividades cotidianas que demandam grande esforço no ambiente do sítio e da comunidade, à alimentação específica e trânsito nos ambientes fora de casa sem devida proteção. Esse momento é muito rigoroso e importante para as *numiã* (mulheres) Tukana, pois o futuro dela de conceber *põ'rá* (filhos) saudáveis e fortes dependerá desse processo, daí a importância de seguir alguns ritos e resguardos.

Existem grandes perigos durante o sangramento da mulher nas ocasiões específicas da *amosé*, a escorrência de sangue causa grande transformação e requer mais cautela, pois esse processo atrai os *wa'í mahsã* pelo cheiro do corpo deixado pelo escorrimento e eles têm interesse e desejo de possuí-las. Nós Tukano chamamos essa circunstância de *moastisé*[37] e pode comprometer o sistema imunológico da mulher Tukana e de outras, pois ela fica sem proteção do corpo, facilitando, assim, o ataque pelo desejo de possuí-las.

Durante *moastisé* ocasionado pela *amosé*, as *numiã* Tukana não podem sair do seu espaço da casa, pois podem contagiar outras pessoas que estão próximas por meio de contato físico e pela exalação, onde o cheiro

[35] Significa dizer mãe.
[36] Significa dizer avó.
[37] Cheiro de sangue do corpo que é deixado durante o período de menstruação.

pode ser respirado pelas outras pessoas, comprometendo o corpo deles e deixando sem proteção, afetando as habilidades pessoais e intelectuais das pessoas. O meu pai Pedro sempre nos orientou no passado e reafirmou no seu testemunho, dizendo:

> Meu filho, quando as suas filhas, sobrinhas e netas, no futuro, estiverem no período de *amosé* não deixe elas irem nas casas dos outros e principalmente tomar banho no rio, adentrar a floresta ou viajar pelo rio, além de contaminar as pessoas elas podem atrair os *waí mahsã* que é um grande perigo e podem ser atacadas por eles e pegar doenças incuráveis (PEDRO, 02/02/2024).

Ficar em casa, no ambiente preparado com defumação realizado pelo *kumu* seria o ideal e natural nas comunidades indígenas, esse cuidado é uma questão cultural. O mesmo não podemos dizer nas cidades e nos grandes centros urbanos, pois as jovens e mulheres transitam com *amosé* com mais frequência, como por exemplo nas escolas, institutos federais, universidades, igrejas, etc., onde os recintos são climatizados e, com isso, o risco de contrair certas doenças, como dor de cabeça e de corpo, inflamação no joelho, entre outros, e os encantados podem realizar ataques nas pessoas próximas a ela. As *pehkasã numiã* (mulheres brancas) não têm essa cultura de permanecer em casa, apartamento ou de resguardo, pois elas vivem em outro mundo, outro cosmo diferente do mundo dos indígenas, mas os *wa'í mahsã* estarão presentes para realizar seus ataques.

Na região do Rio Uaupés, existe um animal aquático chamado pela língua Tukano de *ahkó puhtisteró*[38] e pela língua Nheengatú de *pirayawara*[39], deixemos claro que esse animal não se encontra em alguns lugares como na região do Alto Rio Uaupés, Rio Papuri e Alto Rio Tiquié devido às barreiras naturais: as cachoeiras que são muito notáveis no decorrer dos rios e seus afluentes, existem lendas ou mitos a respeito do *ahkó puhtisteró*. Ao contrário desses lugares, no Baixo Rio Uaupés e Baixo Rio Tiquié crescemos convivendo com eles e chamamos de *wa'í mahsã*.

Os velhos sábios sempre nos orientavam para ter cuidado com os *ahkó puhtisteró*, principalmente, quando uma moça ou mulher estiver com *amosé*. Presenciamos, quando criança, na nossa comunidade de Coró-coró, localizada no Baixo Rio Tiquié, que faz afluente com o Rio Ira, ataques reais nas canoas onde a moça estava com *amosé*. Os *ahkó puhtisteró* seguiam as canoas, puxavam o remo, batiam e pulavam na tentativa de afundar a canoa, só paravam quando o meu avô ou o meu pai realizavam o processo de defumação de cigarro (a fumaça é uma proteção ou alerta aos *wa'í mahsã*), *nisioró* (acalmar a raiva) quando eles atiravam tabaco no rio. Segundo meu

[38] Chamado de Boto – mamífero aquático existente no Rio Negro e conhecido como animal lendário que transforma em ser humano que seduz mulheres para engravida-las. Ser muito presente no Rio Uaupés.
[39] Significa Boto.

tio, do clã *Bohsó Kahperi porã*, (Tukano - ʉrênimi), Domingos G., assim testemunha:

> Os *wa'í mahsã* não podem atacar pelo simples motivo, pois onde estiverem as moças com primeira *amosé (*primeira menstruação) é um perigo tanto para os humanos e *wa'í mahsã*, daí a raiva e ataque para com as moças. O tabaco (barurí - se dá pela secagem de folha, depois ser misturado e usado) benzido afasta todos os *wa'í mahsã*, caso contrário, podem contrair as doenças dos mesmos chamados *duhtí* (coisas que causam doenças) ou *doatisé* (ter doenças), quem não tiverem protegido podem ficar doentes (DOMINGOS G.,30/03/2024).

A *Bia* (pimenta) é outro elemento fundamental para os Tukano, do baixo Uaupés e do baixo Tiquié, do sítio Coró-coró *(kohtó be'tó*), pois o mesmo tem poder de afastar os encantados, por natureza humana eles são seres poderosos, porque com *bia* pela sua ardência e aroma forte, tem poder de afastá-los. Quando benzido e preparado pelo *kumu*, ao ser jogado no rio contra os *wa'í mahsã*, na concepção dos sábios, afeta diretamente os seus olhos e com isso afasta ou acalma os encantados.

Apesar de fazer parte de comida afrodisíaco chamado na cultura Tukano de *biatʉ (quinhapira)* e ser uma iguaria, os Tukano não se alimentavam sem a pimenta, pois a *bia* serve para fortalecer o corpo e a vida dos Tukano espiritualmente, inclusive contra os *wa'í mahsã*. Por outro lado, ela tem muita relevância também na vida conjugal, chamada de *ñoasé* (atividade sexual dos Tukano), podendo ser usado também como *bia wĩhsé*[40] e para pintura corporal (facial).

Certa vez, no caminho de retorno da roça, a minha irmã havia ficado com *amosé* e não havia contado ao meu pai, por teimosia, mas pagamos por essa teimosia com a fúria dos espíritos da natureza e com ataques dos *ahkó puhtisteró* na chegada próxima à ilha que era a divisa do Rio Ira (de água preta) e Rio Tiquié (água barrenta), lugar muito respeitado por ser a morada dos encantados. Quando aproximamos perto da ilha, do nada apareceram um, dois, três *ahkó puhtisteró* pequenos, muito próximos à canoa e isso foram de menos, a trama começou quando surgiram os grandes e de diversas cores como brancos, malhados, cinzas e rosas, pulando na tentativa de afundar a canoa, ao ponto de gritarmos, com isso, o meu pai mastigou o tabaco e jogou no rio para acalmar. O mesmo ficou surpreso com o acontecido, pois jamais algo como isso havia acontecido e muito mais com essas diversidades de *ahkó puhtisteró*.

Nesta ilha, existe *pino pahikɨ*[41] que quando aproxima o período de enchente ele faz uma varredura na sua casa e faz movimentação anormal do rio e são lugares profundos, onde *pinó* pode emergir rodeado de *ahkó*

[40] Chamamos de sucção de pimenta ou bia - pimenta *wĩhsé* - cheirar.

[41] Pino (cobra) pahikɨ (grande) ou cobra grande.

puhtisteró, *moã*, *oreróa*, *bɨ̃ɨ́á*[42] e outros *wa'í mahsã* que ali residem. Quando esse processo sobrenatural ocorre é bom manter distância, pois são momentos raros de presenciar e muitos perigosos.

Os meus avôs sempre diziam, durante o banho matinal ou durante a *quinhapira*, a existências de *pino pahikɨ* e que ele pode transformar em outras criaturas menores para se locomover de um lugar para outro. Em frente a ilha, existe uma bela praia e no final da praia um lugar profundo e justamente nesse lugar que o meu tio, durante temporal chuvoso no entardecer, avistou um enorme *pinó soãkɨ*[43] em pé e quase desmaiou só pelo fato de estar observando *pinó*.

Ao retornar na comunidade, sofreu forte dor de cabeça, febre, sintomas de desmaio e fraqueza no corpo, foi quando ele conseguiu informar ao meu pai que ele havia visto a cobra. O meu pai sabia que era ataque de *pinó* (cobra), pegou o tabaco e defumou protegendo o seu espírito e fortalecendo o corpo com água benzida. Durante a noite, sonhou no mesmo local onde o meu tio havia avistado *pinó*, a presença de uma linda mulher e loira onde ela afirmava que queria levar ele para sua casa que era a ilha. Os *pinos* muitas vezes seguravam e puxavam a canoa para baixo do rio onde se encontrava a moça com a *amosé* no meio do rio e só parava quando jogavam a pimenta ou cigarro mastigado no rio.

Algumas palavras finais

Na minha concepção, *wai mahsã numiã* (mulheres encantadas) seguem *ɨmɨ̃ã* (homens) e *wai mahsã ɨmɨ̃ã* (homens encantados) seguem *numiã* (mulheres), quando alguém sonha *ɨmɨ̃ã* ou *Numiô* deve prevenir com *kumu* e na sua ausência deve consultar com *yai e baya* para defumar, para proteger dos *wa'í mahsã* antes de atividade diárias. Essas sabedorias precisam ser mantidas pelas gerações nas comunidades e também nas cidades, pois são sabedorias preciosas.

Os *kumus* fazem as curações para acalmar os ataques do *waí mahsã*, benzendo e curando o mundo, viajam pelo plano espiritual do cosmo - uma viagem pelo espaço-tempo ancestral. Eles têm poder de realizar ações de pensamento e de palavras. Na metade do século XX, na região do Rio Uaupés, o desuso das práticas de sabedorias de rituais Tukano, seguido de desprezo e abandono das cerimônias, foi constatado nestas últimas décadas. O benzimento e conhecimento ancestral, por sua vez, continuam acontecendo e sendo repassados de forma discreta junto a família ou clã Tukano. Porém, com a educação escolar indígena, principalmente, com a força dos movimentos indígenas, existe um movimento de reafirmação e rememoração das práticas culturais, com novo olhar, pensar e fazer Tukano, bem como de outros povos. Cada partida de um grande *kumus* e de *buhkêna*

[42] Moã (piraibas), oreróa (surubim), bɨ̃ɨá (piranhas).
[43] Pino (cobra) soãkɨ (vermelho) ou cobra vermelho.

mahsipeoná (velhos sábios), os mesmos levam consigo todas as sabedorias ancestrais orais e as perdas vêm sendo irreparáveis para a presente e futuras gerações. Por isso, a importância da oralidade, de saberes que se mantêm vivos como re-existência e possibilidade de adiar o fim do mundo.

Referências bibliográfias

BARRETO, João Paulo Lima. **Kumuã na kahtiroti-ukuse:** uma "teoria" sobre o corpo e o conhecimento-prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro/João Paulo Lima Barreto/Universidade Federal do Amazonas, 189 f.: 31cm, 2021.

BARRETO, João Rivelino Rezende. **Úkussé** [recurso eletrônico]: Formas de conhecimento nas artes do diálogo Tukano / João Rivelino Rezende Barreto. – Florianópolis: Editora da UFSC, 2022. 301 p.: il.- (Coleção Brasil Plural).

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando Metodologias: pesquisa e povos indígenas.** Tradução Roberto G. Barbosa. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

Recebido em: 21/05/2024 * Aprovado em: 02/07/2024* Publicado em: 31/08/2024
